

Vila Real
1. A crueza dos factos políticos 5 Jun 85 1

O país está de novo face a uma crise
q̃ paraliza e compromete a resolução dos
problemas nacionais.

Os Governos existem para governar,
decidir, executar.

Os Parlamentos têm a sua razão de
ser na capacidade de legislarem ~~em~~
~~corrogação~~ e de fiscalizarem a acção
governativa. São emanados do voto de
dos ~~O~~ ~~funcion~~ ~~de~~ ~~itores~~ e só perante
eles são responsáveis.

~~É da conjunção das actividades~~
~~dos governos e dos parlamentos q̃~~

A crise q̃ o país hoje atravessa
não é só mais um governo q̃ cai.
A rutura da coligação PS/PSD -
- a rutura do bloco central - põe - nos
afrentes problemas graves q̃. ^{to} ao
funcionamento das instituições
democráticas, ao nível ~~+ alto~~ do
poder político central.

Vale a pena ~~de um~~ chamar
pelo seu nome cada um desses
problemas.

• Em primeiro lugar, a rotura ²
processa-se à margem do Parlamento,
q̃ assiste, impassível, à queda do go-
verno correspondente à sua maioria.

Desde Dezembro, ~~restitui~~ assiste-se
a um debate entre os partidos da
coligação q̃ envolve directa/ os seus
filhados presentes no governo, os
substitui, os troça, ~~com~~

Não interessa aqui publicitar os
erros da pessoa A ou B mas sim
verificar que na sua função de
fiscalizar cabe à AR "apreciar os
actos do Governo", bem como "votar
ou não moções de confiança e
de censura ao Governo".



[Ora o q̃ está a passar-se
em Portugal nada tem q̃ ver
com esta forma democrática de
funcionar.] Ao mesmo tempo os partidos
políticos directos inalienáveis
na organização e expressão
das grandes correntes de opinião
política para a resolução dos
problemas do país e a promoção
da satisfação das necessidades básicas

de todos os portugueses.

3

Mas não são os dirigentes dos partidos políticos que os portugueses elegem ~~for~~ como seus representantes na AR.

Os portugueses elegem hōs e nōs ~~de~~ como deputados para os repre-
sentarem na AR e neles delegam durante 4 anos a salvaguarda dos seus interesses individuais e colectivos, enquanto sociedade.]

Face às dissidências patentes no funcionalismo do Governo, caberia à AR:

— analisar as dificuldades existentes no executivo e assinalar os prejuízos daí resultantes p.^o a boa feição das coisas públicas;

— ~~discutir, e~~ tomar as iniciativas necessárias p.^o exprimir a confiança ou a censura q.^o o Gov. lhe merece.

~~Os~~ Mas as lideranças dos partidos políticos substituem-se às maiorias desses mesmos partidos, eleitas pelos cidadãos.



~~Se~~ É caso para perguntar: 4
- qual está a ser, na prática, a
função da AR
- até onde vai a complacência
dos ~~seus~~ deputados e a que subor-
diinação às directivas partidárias,
levando-os a deslizarem-se de
responsabilidade e assumir
pequena quem os elegeram.

Fundação Cuidar o Futuro



• Esta crise situa-se num pe- 5
ríodo em q datas eleitorais se
encontravam já marcadas.

De resto, é por demais evidente
q, se o bloco central nasceu de
um desígnio eleitoral pce à
eleição presidencial, a sua
natureza é, p: além dos argumentos
usados, consequência de estratégias
eleitorais ~~que~~ diversas p: a

PR.

Tal acontece pq o partido
tendem a absorver h. p: si
a iniciativa das candidaturas
p: a PR.

Não é esse o sentido de
Constituição. (Ver "directiva
política").

Na sua incapacidade de ⁶
realizarem, de forma eficaz, a
função que cabe ao Gov. ou à AR,
os ~~partidos~~ dirigentes dos partidos
políticos tentam fazer crer q "uma
PR, uma maioria, o governo" ~~é~~
~~solução~~. trará a solução — e esta
belecom estratégias presidenciais.

~~É ainda tempo de~~

Trata-se de uma operação
q retira a eleição presidencial
de ~~ca~~ ^{demonstração} como a portuguesa
alguns dos seus aspectos mais
significativos p: a estrutura da
nova vida social.

Eleição personalizada

sem mediações

cheia de carga simbólica

É "a máquina"? São os q des-
creem da possibilidade de os
cidadãos se organizarem.

• Esta crise tem muito de repetição de uma cena já conhecida. Em 5 anos, 2 oligarquias fortes (e efêmeras estíves) foram atravessadas pelos mesmos fenómenos.

~~Perf. demonstrar:~~

~~é a ambição pessoal dos lusos?~~

Não graço, as grandes de-
clarações, o q̃ está em causa é
uma desfeita irresponsabilidade
q̃ traduz e provoca ^{o nos. regular} ~~um~~ funciona-
mento das instituições.

O povo português tem foribi-
lidades de assumir as suas
responsabilidades. Não há razão
p̃: q̃ os seus dirigentes as não
assumam também. Temor, por
isso, de concluir q̃ algo, no
sistema, funciona mal.

"O sist. part./em países sub-
-des." - MA.

Que correcções? Que comple-
mentos?

~~- Por um novo termo.~~

~~- a participação de todos~~
~~- a intervenção do PR~~



1. Olhemos de frente os factos

Não só os jornais e os noticiários nos foram mantendo a par da nova crise que deixa o país com um governo demissionário. Poderá parecer a alguns q, na instabilidade de governativa em q temos vivido, é só mais um governo q cai. É q apenas temos q assistir à ~~repetição~~ repetição de cenas já conhecidas.

Não é assim. A cena q se repete vem na sequência das crises q corresponderam exactamente aos mesmos factos. Por duas vezes (em 1978 na ~~coligação~~ coligação c/o PS, em 1982 na coligação AD) o CDS rompe unilateralmente a coligação em q se empenhara. Curiosamente, das duas vezes a justificação da ruptura da instabilidade q se lhe refere é o Dr. FA. Também por duas vezes o PSD abandona a ~~banca de governação~~ e as responsabilidades q aí assumira. Em 1982, o PM. PB inesperada/ "desiste"; agora os cabos soltos do PSD conduzem a ruptura.



Dois factos patentes: 8

- os cidadãos não reduzidos a espedidores ilíquidos
- o PR tem na mão todos os poderes e todas as responsabilidades

... põe-se em novos termos:

- a participação dos cidadãos
- a intervenção do PR
- a relação / do PR
c/ os outros órgãos de
soberania

Fundação Cuidar o Futuro



2. Carníchos desejáveis

9

• Um ciclo q ~~se~~ termina :
esgotadas todas as soluções possíveis,
impõe-se ver de q modo os portu-
gueses se podem entender;

∴ instaurar o diálogo,
apelo às raízes comuns de n/
coexistência : "não levantar falso
testemunho"

"harmonizar a convivência"

Fundação Cuidar o Futuro



- Seria desejável q̄ o ~~colômbia~~ PR pudesse abrir o novo ciclo e chamar os partidos políticos e as forças sociais a L novo entendimento.

É legítimo e const. q̄ o PR tome as iniciativas necessárias p̄, c/o < ~~em~~ custo possível, conduzir o país p̄ uma nova etapa.

Fundação Cuidar o Futuro



• Essa nova etapa só pode ser 11
a de dar aos "jogos políticos"
metas e objectivos final de
conquista do poder.

A democracia só pode subsistir,
consolidar-se e reforçar-se numa
sociedade em q̄ se mobilizam
as vontades e as energias para o
desenvolvimento.

O nono ciclo da vida portuguesa
não pode deixar de conter as metas
do desenvolvimento e as estruturas
q̄ o poder tem na realidade.

O poder político tem de ser
verdadeira liderança - Brandt.

